



MINHA CASA É ONDE ESTOU: ESCRIVÊNCIA E GEOGRAFICIDADE DA PRESENÇA E DA AUSÊNCIA MIGRANTE

Daniela Araújo Virgens¹

RESUMO

O artigo baseia-se na análise da autoficção *Minha casa é onde estou*, de Igiaba Scego, italiana de origem somali, escritora que traz em sua obra elementos que remetem à essência dos lugares na formação da identidade e na construção da percepção de mundo. Como principal objetivo do artigo está a busca pelas subjetividades que se mostram na escrita que a autora faz sobre si mesma e que também se revelam a partir de uma experiência que é coletiva dos migrantes, marcada, especialmente, pela perda do lar original e pelo estranhamento de ser o outro em uma terra de outros. A partir do diálogo com autores da Geografia como Eric Dardel, Yi-Fu Tuan e Eduardo Marandola Júnior, da literatura e da crítica literária como Anna Faedrich e Fredric Jameson, além de autores das ciências sociais, como Abdelmalek Sayad, foi realizada uma análise que se deu a partir de uma obra literária que tem na construção de uma cartografia do mundo vivido a representação da geofricidade que entrelaça a ancestralidade, a escritivência e a memória dos lugares onde a narradora-personagem viveu e por onde passou. A pesquisa mostrou que as fronteiras impostas pelo outro não representam a existência e o que é ser migrante, embora se constituam em parte significativa dessa experiência.

Palavras-chave: Migrações, Escritivência, Lugar, Igiaba Scego, Geofricidade.

ABSTRACT

The article is based on the analysis of the autofiction *My home is where I am* (free translation), written by the Italian of Somali origin Igiaba Scego, writer who raises, in her work, some issues about the essence of places in identity formation and about how the world's perception is woven. The main objective of the text is the search for the subjectivities that are shown in the writing that the author does about herself, and that are also revealed from an experience that is collective for migrants, marked by the loss of the first home and the strangeness of being the other in a land of others. Conducting a dialogue among scholars in Geography, such as Eric Dardel, Yi-Fu Tuan and Eduardo Marandola Junior, Literature and Literary Criticism scholars, such as Anna Faedrich and Fredric Jameson, and social scholars, such as Abdelmalek Sayad, an analysis was conducted from a literary work which has in the construction of a lived world cartography the representation of the geofricity that interlace the ancestry, the livature², and the memory of the places where the narrator-character has lived and been. The research showed that the borders imposed by the other do not represent the existence and what it is to be a migrant, although they constitute a significant part of this experience.

Keywords: Migrations, Livature, Place, Igiaba Scego, Geofricity.

¹ Doutoranda do curso de Geografia da Universidade Federal da Bahia – UFBA, daniaraujovg@gmail.com; Bolsista FAPESB.

² Translation suggested by Geri Augusto to *escrivência*, a term created by the Brazilian writer Conceição Evaristo, to express the connection between living and writing.



INTRODUÇÃO

A obra *Minha casa é onde estou*, da escritora Igiaba Scego, foi escolhida para este estudo por trazer elementos que remetem à essência dos lugares na formação da identidade, um dos objetos de estudo da Geografia. Além disso, a migração forçada de uma família, retratada no texto, nos faz refletir sobre o sentido que damos aos locais onde vivemos e por onde passamos a partir das relações sociais que neles construímos. A proposta do artigo é a de uma análise a partir da narrativa de uma autora que escreve sobre a sua própria experiência e a da sua família, que é também a experiência de milhões de famílias pelo mundo em virtude das guerras, da perseguição política e religiosa, das graves crises de direitos humanos que o mundo enfrenta e que parecem não ter perspectiva de um fim. Vale aqui ressaltar que não há a intenção de criar um discurso de homogeneização, mas de compreensão das particularidades que são vividas de maneira distinta por cada indivíduo.

Apesar de ser um fenômeno que movimenta massas de pessoas, cada experiência é única. As particularidades das migrações se manifestam em distintas escalas e vão se exteriorizando a partir das experiências de quem migra, revelando essas singularidades e, ao mesmo tempo, as vivências que são compartilhadas com outras pessoas que passam por esse processo. A análise do fenômeno migratório a partir de uma obra literária é possível a partir do fato que, na força da narrativa, a Geografia pode encontrar possibilidades de trazer sentidos para tentar explicar as questões que permeiam as relações espaciais que envolvem os deslocamentos transnacionais.

O principal objetivo é, a partir da análise de uma autoficção, compreender a experiência individual de migrar, que não deixa de ser também coletiva. A partir de uma abordagem existencial, buscamos entender como a migração de uma família afeta o cotidiano e as relações espaciais dos seus descendentes. O lugar, algo intrinsecamente relacionado ao sentido que damos ao mundo vivido, a partir das relações que nele construímos, é o objeto perdido a partir do exílio e, ao mesmo tempo, precisa ser reconstruído com o que se tem à mão. Esse contexto faz com que novos modos de existência se manifestem e que as formas de existir sejam reconfiguradas a partir das novas relações sociais e culturais. A pesquisa também busca elucidar essa relação entre a presença e a ausência que permeia as relações de famílias originárias do sul global que se deslocam entre países, no caso específico da obra, para o norte global.



METODOLOGIA

O diálogo entre a Geografia e a Literatura é algo que vem sendo experimentado por geógrafos da contemporaneidade que buscam analisar o espaço geográfico a partir de obras literárias. Vale ressaltar que as narrativas constituem-se em “atos socialmente simbólicos” (JAMESON, 1992, p. 2) e que, ainda na visão de Jameson, precisam ser interpretadas em conjunto com outros métodos interpretativos, de maneira a complementar esses outros métodos. Como metodologia desta pesquisa, foi realizada a leitura e análise da autoficção *Minha casa é onde estou*, uma obra literária sobre a migração e o exílio do ponto de vista de uma pessoa que passou pelas experiências que o deslocamento proporciona, mesmo considerando o fato de ter nascido e crescido em um mesmo país e o deslocamento ter sido uma experiência vivida pelos seus pais. Lançada originalmente em 2010, com o título *La mia casa è dove sono*, a narradora não é uma voz onisciente, exprimindo apenas as histórias que viveu ou que a ela foram contadas. O estudo da obra foi realizado com base na interrelação de algumas categorias de análise literária (narradora que, nesse caso, também é a personagem principal, enredo, personagens, tempo e espaço) que vão sendo tecidas com algumas reflexões sobre o lugar.

A autoficção, que Faedrich (2016) define como uma das formas de escrita do eu na qual não se tem uma linha divisória sobre o que é real ou não, é um gênero híbrido que ficciona uma história real e que tem na indecidibilidade, ainda segundo a autora, a sua principal característica. Na autoficção há uma possibilidade de “camuflar, com ambiguidades, um relato autobiográfico sob a denominação de romance” (FAEDRICH, 2015, p. 47). Nela é o texto literário que está em primeiro plano, ao contrário de uma autobiografia, por exemplo, na qual o foco é a história de vida de uma pessoa que adquiriu notoriedade por determinado feito (FAEDRICH, 2015). Na autoficção há um pacto de ambiguidade que, na verdade, não desfaz a análise literária a ser realizada e tampouco a análise geográfica. A intenção aqui não é separar a ficção da realidade, mas analisar a partir de um olhar mais atento para as subjetividades que a escrita do eu pode revelar.

Compreendemos a obra literária a partir da ideia de inconsciente político de Fredric Jameson (1992), que considera que a força de uma narrativa está em contar uma



história que não é apenas individual e, embora represente subjetividades (EAGLETON, 2010), traduz o desafio de escrever sobre a história de uma sociedade, não se resumindo a pequenas idiossincrasias ou particularidades da vida de um indivíduo (JAMESON, 1992). Benjamin (1994, p. 201) aponta como principal característica da narrativa o fato de que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a narrada pelos outros. Ele incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” ou, nesse caso, leitores. Na verdade, parece ser a intenção de Igiaba fazer um resgate dessa narrativa baseada na experiência, algo que Benjamin (1994) afirma ter morrido com o surgimento do romance. As histórias sobre a sua vida real e ancestral se confundem com a tradição nômade da sua mãe de contar histórias, resgatando assim seu passado de heranças coloniais, de deslocamentos, sejam nômades ou migratórios.

É importante mencionar aqui a ideia de escrevivência, de Conceição Evaristo (1996), na qual a escrita passa pela relação com o mundo vivido e este, é escrito cotidianamente, como uma obra. Levar a experiência do mundo vivido para o texto, revelar as vicissitudes da vida a partir da escrita e contar as histórias de um ponto de vista decolonial, rompendo um “resíduo irreduzível de nossa formação social que está arraigada em nossa sociedade” (CRUZ, 2017, p. 15).

REFERENCIAL TEÓRICO

A escrevivência de Igiaba Scego vai se revelando a partir da imagem de um mapa que não é cartografado, mas imaginado pelo leitor a partir da descrição das paisagens e dos lugares que representam a sua experiência de vida. A construção desse mapa dialoga com a ideia de geograficidade, que Dardel (2015, p. 1-2) apresenta como a relação que “liga o homem à Terra” relacionando o espaço geográfico às percepções de mundo e experiências do cotidiano, diferentemente do que denomina de espaço geométrico, aquele que pode ser medido, explicado e percebido da mesma maneira por diferentes pessoas.

Vale ressaltar que a fixidez não é a única forma de se entender o lugar na Geografia, visto que a modernidade trouxe cada vez mais presente a mobilidade. Uma forma de compreender o lugar é através de elementos intangíveis e estes podem ser associados às questões da mobilidade, da temporalidade, da nacionalidade, do sentimento de pertencer e da cidadania. Considera-se aqui a ideia que está presente em



Tuan (1983) e Marandola (2014) de que o lugar não possui uma escala e nem uma temporalidade definidas: ele se constrói a qualquer tempo e em inúmeras escalas. Para Cresswell (2009), o lugar é uma combinação de localização, localidade e sentido de lugar, destacando a intangibilidade deste último e a particularidade, já que o sentido de lugar envolve sentimentos e emoções. Relph (2008) complementa argumentando que cada lugar é um território de significados que pode ser diferenciado por uma série de fatores: escala, nome, características particulares, histórias e memórias compartilhadas. Elementos que estão fortemente presentes nas experiências, no cotidiano e que ligam as pessoas aos seus espaços de vivência. A construção do lugar, independentemente da escala, está relacionada a uma apropriação afetiva que, de acordo com Tuan (1983), se desenvolve como uma composição entre a experiência individual e grupos sociais. Essa experiência se concretiza em um espaço e suas características trazem ou não algum tipo de afeição.

Na visão de Marandola (2014), o lugar é circunstancial. O fato de o indivíduo estar deslocado dentro do país de origem não faz, necessariamente, da escala nacional um lugar. Porém, ele cita o exemplo de dois brasileiros, oriundos de regiões diferentes do país, que se encontram no Japão. Eles recordam as experiências vividas e trazem à tona os sentimentos pela nação de origem. Diante dessa circunstancialidade do lugar que, para o autor, diz respeito a distintas centralidades que marcam a “constituição do lugar e do eu” (MARANDOLA, 2014, p. 244), o autor ressalta a impossibilidade de enfrentar a fluidez do mundo atual sem considerar essas centralidades.

No caso das migrações, em especial as forçadas, há um “abalo na segurança existencial e na identidade territorial que precisa ser compreendido como elemento central do processo migratório” (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010, p. 409). Os autores também mencionam um processo de desenraizamento a partir da chegada a um novo contexto espacial e cultural, além do que chamam de desencaixe espacial. Este último é o mais evidenciado na obra aqui estudada, visto que, Igiaba, apesar de ter nascido na Itália e possuir cidadania italiana, não é tratada como italiana especialmente em espaços de maioria não migrante, como a escola onde estudou. Sua presença também se manifesta pela sua ausência, visto que não é reconhecida como igual e excluída nesses espaços. Goettert define migrante como:

Migrante: aquele que parte e aquele que chega, sendo, no movimento da migração e entre lugares, o mesmo/outro, simultaneamente. Mais que um



sujeito *atopos*, o migrante é um ser de lugares e por isso o paradoxo: pode estar em um lugar no instante mesmo em que se sente pertencente a muitos outros, ou, contrariamente, pode “não estar”. (GOETTERT, 2010, p.15)

Estar presente fisicamente não significa ter a sua presença reconhecida e legitimada. Esse estar “não estando” é validado por um complexo emaranhado de relações que refletem uma mudança não apenas de lugar, mas de território que, de acordo com Almeida (2008, p. 316), é portador “de ideologias, de representações simbólicas e também do inconsciente, de relações diversas e de base material”. A partir do cruzamento da fronteira nacional, as redes sociais são remodeladas. As barreiras simbólicas (SERPA, 2017) e o sentido contaminado do lugar (RELPH, 2014), entretanto, podem interferir no processo de construção de um novo lugar para aqueles que migram.

Ser exilado/refugiado³ é atravessar fronteiras nacionais, o que também representa atravessar fronteiras simbólicas. Essa travessia é, ao mesmo tempo, real e metafórica, tendo impregnada a ideia de que migrar é carregar um “mundo social” (MARTINS, 1993) e é também enfrentar o estranhamento que se dá no encontro com o outro, articulando uma “contraditória combinação de temporalidades” (MARTINS, 1998, p. 681). Diante disso, a discussão teórica desse artigo tenta trazer uma conexão entre a mobilidade associada aos movimentos migratórios contemporâneos e o sentido de lugar, que representa muito mais do que as relações de fixidez ou a presença em um determinado espaço. A obra em questão é um relato da experiência de uma família exilada em virtude de um regime ditatorial e, posteriormente, uma guerra civil. A história de migração dessa família é marcada pela relação com os lugares de pertencimento, representados por Igiaba, italiana filha de somalis, sua mãe, nômade que virou sedentária, ainda na Somália, e seu pai, somali sedentário envolvido com as questões políticas do país que o tornaram um exilado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“História oh história de seda...” (SCEGO, 2018, p. 7). Assim, como as fábulas somalis, começa a narrativa sobre os primeiros vinte anos da vida de Igiaba Scego, que

³ Juridicamente, o exílio tem caráter político e o refúgio tem caráter humanitário, porém, o Alto Comissariado das Nações Unidas para o Refúgio (ACNUR) tem utilizado apenas o termo refúgio para o asilo concedido pelos países a todos os tipos de perseguição. Na obra é utilizado apenas o termo exílio.



é autora, narradora e personagem da obra, e da sua família, que precisou deixar a Somália às pressas, fugindo do regime ditatorial que Siad Barre instaurou no país no final da década de 1960. As fábulas representam o irracional e o instintivo, as suas origens, a infância da sua mãe que se deslocava em busca de poços de água, a relação do povo nômade com natureza, mas que também acaba se refletindo na vida de migrantes forçados que partem sem sequer terem para onde ir. O deslocamento forçado pelo qual os pais de Igiaba passaram refletem os resquícios da colonialidade ainda presentes no contexto somali. Esse tipo de deslocamento é cada vez mais comum e ocorre não apenas em contextos de guerras e perseguições políticas, mas cada vez mais está relacionado ao que Sassen (2016) chama de expulsões devido à expansão capitalista.

No enredo, a personagem Igiaba, juntamente com seu irmão, Abdulcadir, e um primo, que ela identifica como primo O., resolvem desenhar o mapa de Mogadíscio, uma cidade que só existe nas suas memórias, visto que não representa mais a Mogadíscio atual, devastada pela guerra civil que foi iniciada com a queda de Siad Barre, em 1991. Embora não tivesse nascido e crescido na Somália, ela reivindicava para si a cidade de Mogadíscio como parte da sua vida. Sobre isso ela escreve:

Eu não nasci naquelas ruas. Não cresci nelas. Não foi lá que me deram meu primeiro beijo. Nem me desiludiram profundamente. Mesmo assim, sentia que aquelas ruas eram minhas. Eu as havia percorrido e também reivindicado. Reivindicava os becos, as estátuas, os poucos postes. Eu também tinha algo em comum com o primo O. e com Abdul. Claro, a experiência deles e a minha não era comparável. Mas eu reivindicava aquele mapa de forma enérgica, como reivindicarei meu último dia de vida. Aquela Mogadíscio perdida era tão minha quanto deles. Era minha, minha, minha. (SCEGO, 2018, p. 31)

Após localizarem no desenho os diferentes espaços que fizeram parte das memórias da sua infância e adolescência, Igiaba é provocada por sua mãe sobre o fato de o seu mapa não se resumir à capital somali, embora constituísse uma importante parte da sua origem e da sua ancestralidade. Roma, cidade onde nasceu e cresceu é parte importante da sua experiência. Ela então começa a inserir no mesmo mapa, ao redor de Mogadíscio, os espaços onde viveu e por onde passou em Roma, transformando as duas em uma só cidade que representa uma experiência que não pode ser circunscrita por um mapa dado previamente. Esse mapa transpõe as fronteiras entre Estados e une as distâncias entre países que não são fronteiriços. Ela escreve a sua geograficidade que é



descontínua no espaço e no tempo. Ao desenhar o mapa, Igiaba e seus parentes tentam resgatar as poucas memórias que estão se apagando, de uma cidade que já não existe mais. A guerra, que ainda permanece até os dias de hoje, mata pessoas e mata os sentidos que a cidade desperta. A *Maka al Mukarama*, por exemplo, principal avenida e antiga artéria pulsante da cidade, é descrita como um “fantasma” com seus sons “surdos e estrondosos” (SCEGO, 2018, p.19).

A história não é contada de maneira linear e, a cada um dos seis capítulos que possuem nomes de espaços ou monumentos - apenas dois não possuem - ela desenha um símbolo no seu mapa representando a sua identidade somali-italiana, numa relação artesanal com a narrativa (BENJAMIN, 1994) com a intenção de representar as várias histórias sobre a sua vida, construída em diversos lugares e o elo entre esses lugares na sua experiência. Ela constrói o mapa da vida de Igiaba, a sua representação de geograficidade. No capítulo quatro, por exemplo, denominado “A Estela de Axum”, ela comemora o vazio da praça de onde foi retirado o monumento com o mesmo nome do capítulo para ser devolvido à Etiópia, de onde foi arrancado durante o período colonial. Ao mesmo tempo, ela espera que aquele continue sendo um espaço para que os italianos nunca esqueçam o seu passado fascista e colonial. A cada desenho no mapa, ela também inclui símbolos. No capítulo em questão ela menciona o seguinte símbolo: “No mapa desenho um círculo. Dentro do círculo o silêncio. O testemunho mais belo. A melhor festa” (SCEGO, 2018, p. 71)

O capítulo cinco ela dedica à Estação Termini com a sua *Galleria Centrale* que representa não apenas as idas e vindas, mas também as permanências. A estação é descrita como uma passagem entre dois mundos ou mais. O meio pelo qual ela deixava o bairro onde vivia, onde estavam concentrados os somalis, o bairro esquecido e segregado da cidade e, ao mesmo tempo, o bairro no qual ela se sentia em casa, e seguia para encontrar uma Roma a qual ela não era tratada como se pertencesse a essa cidade. Sobre a estação ela escreve:

Em Termini, ainda que tudo pareça difícil, ainda que haja alguém que sofra muito (eu penso nos que estão em situação de rua), tem-se a ilusão que um trem levará embora toda essa dor. Por isso, no mapa, eu desenho os trens com as asas dos anjos. É verdade, é impotente ter desejos. (SCEGO, 2018, p. 92)

Cada indivíduo cria um vínculo de afeto com o lugar a partir das relações, do aguçamento dos sentidos, que envolvem cheiros, visões, sensações provocadas pelas



memórias que aquelas paisagens representam, pelas texturas, desde a rigidez das rochas e dos espaços construídos até a plasticidade das águas, as cores e os odores das plantas, do vento batendo no rosto. Tuan (2012, p. 19) chama de topofilia o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”, que é construído a partir de experiências pessoais e reflete percepções, atitudes e visão de mundo. Dessa forma, a paisagem não é apenas vista, ela permeia todos os sentidos humanos. Apesar de sua vida em Mogadíscio resumir-se aos períodos de férias escolares, mais um ano e meio que viveu por lá, conforme expressa na narrativa, as suas memórias da cidade aguçam outros sentidos lembrados no trecho a seguir:

Se me aproximasse do mapa com o nariz, conseguiria sentir o aroma de café com gengibre e o perfume que emana dos pratos repletos de *beer iyo muufo*. Que alegria, toda aquela comida flagrante! Porém, se me aproximasse assim, emanava também algum cheiro ruim. Havia as fossas negras carregadas de excrementos e a carcaça de algum dromedário morto de alguma doença e abandonado à beira da estrada. Aquele cheiro desprezível de morte era compensado pelas essências usadas pelas mulheres que se desprendiam do papel num brilho de júbilo infinito. Em algum rincão daquele mapa, estava eu também. (SCEGO, 2018, p. 30-31)

No desenho que faz do mapa, ela ressalta paisagens de Roma e espaços com os quais desenvolveu uma relação afetiva, mesmo diante da confusão do entre-lugar (BHABHA, 1998). Ela menciona, por exemplo, o elefantinho da Praça Santa Maria sobre Minerva, obra de Bernini, que ela considerava o seu melhor amigo na infância, mas que a confundia sobre o fato de estar na Itália ou na Somália. Um elefante na Itália? “Então Roma está na Somália? Ou a Somália em Roma? Aquele elefantinho confundia todas as minhas certezas.” (SCEGO, 2018, p. 55).

A narradora-personagem da obra reflete sobre o pertencer a dois mundos: um mundo distinto do qual se encontra fisicamente, que representa a sua ancestralidade e a sua família; e um mundo que representa a sua própria experiência de vida. A história se desenrola a partir da vivência nesses entre-lugares (BHABHA, 1998) que se revelam na ausência e na presença ou mesmo naquela que Sayad (1999) denomina de dupla ausência, visto que, embora Igiaba e sua família estejam fisicamente ausentes da Somália e, apesar da presença física na Itália, há uma série de implicações psicológicas e mesmo nas relações sociais que os tornam ausentes mesmo na presença.



O mapa, na obra, representa espaços de afeto e de resistência. Vale ressaltar que, muito além da sua função de instrumento técnico, os mapas também podem representar memórias, afetividades e relações espaciais. Dessa forma, ao contrário dos mapas técnicos tradicionais, aquele representa a sua temporalidade: passado, presente e futuro que se manifestam, sincronicamente, em uma única imagem. A metáfora do mapa nos lembra que costumamos criar a nossa identidade (ou ter a nossa identidade criada) a partir de uma nacionalidade, dos limites de um mapa, porém, como cidadã italiana e somali, seu mapa não poderia ser definido por uma história única. Ela não havia nascido na Somália, mas, ao mesmo tempo, não era tratada como italiana e precisava se apropriar de todos os lados dessa história: “histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida” (ADICHIE, 2019, p. 16). Seu mapa é Itália e Somália, colonizador e colonizado, é fascismo, ditadura e democracia. É também deslocamento e fixidez, felicidade e tristeza, melancolia e entusiasmo, preconceito e integração. Ele representa as fábulas somalis, as histórias de vida dos seus ancestrais, um passado colonial duro que parece só permanecer na memória dos colonizados, a vida nômade da sua mãe e avós maternos, a luta política do seu pai, o trabalho do seu avô paterno para o regime fascista como única opção de sobrevivência, a infância do seu irmão longe dos pais e sua paixão por futebol.

Sua história representa uma ruptura na coesão mencionada por Kehl (2001, p. 56) sobre a “a ideia de que a vida que vivemos constitui uma unidade coerente e dotada de sentido” na qual a tradição, a religião e os mitos tentam nos fazer acreditar que somos os seres lineares que, na verdade, não somos. Kehl refere-se a uma relação temporal e aqui inserimos também a relação espacial, pois a mudança de espaço também pode afetar o sentido de temporalidade. Despida de bens materiais, da convivência familiar, extremamente vulnerabilizados, sem saber quando ou mesmo se retornariam, seguiram em direção a uma vida nua. Na visão de Pelbart (2016), que retoma a ideia de Agamben (2007), a vida nua é uma vida sobre a qual o biopoder incide, “um limite, como um ponto crítico para um poder que se exerce como ação sobre ação” (PELBART, 2016, p. 258). Segundo ele, é a partir da vida nua que devemos pensar o biopoder. A vida nua, para Agamben (2007) é uma vida biológica que confronta o poder soberano que, por sua vez, produz corpos biopolíticos e os deixa em situação de matabilidade. Os conflitos territoriais criam corpos matáveis que se deslocam e os deslocamentos, em especial os que precisam cruzar fronteiras entre



Estados, também criam corpos matáveis. Pelbart (2016) nos lembra que a biopolítica sempre teve uma tendência à homogeneização, privilegiando realidades que ele chama de sólidas, desqualificando a multiplicidade, as diferenças. Apesar disso, distintos modos de existência ainda se manifestam e reivindicam o reconhecimento e o respeito às suas formas de existir, algo muito presente na narrativa, quando a ausência imposta pela invisibilização de certos grupos se revela e se impõe novamente como presença.

A vida nua da família de Igiaba está relacionada a um contexto político no qual o seu pai era um dos protagonistas, sendo, no período colonial, um dos que lutavam contra o regime fascista, passando a ser um dos gestores do país durante o processo de redemocratização e tendo a sua vida completamente modificada com a instauração de uma nova ditadura. Com amigos e um irmão assassinados e com todos os bens da sua família retirados pelo regime de Siad Barre, eles estavam em perigo. O exílio era a única alternativa de sobrevivência, porém a família esbarrou com outras lógicas perversas que são criadas por um sistema nacionalista, ainda com resquícios coloniais, que tem na homogeneidade étnica uma meta e na precarização do trabalho pelo neoliberalismo uma prática que exclui os migrantes do sul. Em um texto mais recente, Scego (2019) escreve sobre o homicídio culposo praticado pelos Estados que optam pelo controle de fronteiras no lugar de se preocuparem com as vidas que as cruzam. Pessoas morrem na travessia do Mediterrâneo, do deserto entre o México e os Estados Unidos, entre a Síria e a Turquia, entre a República Democrática do Congo e Angola e em tantas outras fronteiras pelo mundo, simplesmente porque os corpos migrantes estão entre os matáveis. Edward Said, em suas reflexões sobre o exílio, situação pela qual ele e sua família passaram na condição de palestinos, afirma que:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. (SAID, 2003, p. 46)

Essa fratura, que é peculiar aos sobreviventes das travessias, é um reflexo da transformação que se processa “nos mundos psíquico e cultural de todos, numa zona intersticial de contato entre fronteiras, territórios de pertença, línguas, redes sociais, culturas e temporalidades diferentes” (LECHNER, 2005, p.16). Algo que representa mudanças profundas e sentimentos difusos que vêm à tona de distintas formas em cada indivíduo.



No último capítulo, fazendo uma reflexão sobre o que é, para ela, ser italiana, surgem algumas questões relacionadas ao reconhecimento da sua própria identidade que é, em parte, somali e também italiana. O ser italiana se divide entre a beleza da descoberta, em especial, da língua somali e da necessidade de ser aceita pelos italianos, que a fez ter vergonha daquela que chama de língua-mãe. Igiaba representa o total oposto do padrão majoritário que Pelbart descreve como “branco-macho-racional-europeu-consumidor” (PELBART, 2016, p. 256). Mulher, negra, subjugada, pobre e, mesmo sendo europeia, com cidadania italiana, ela não é vista como igual pelos italianos brancos que a consideram estranha e, no tempo da escola, a chamavam de “negra suja” e faziam comentários preconceituosos sobre a sua língua-mãe como: “Vocês não falam, vocês emitem os sons dos macacos. Não dá pra entender nada. Vocês são estranhos. São como os gorilas” (SCEGO, 2018, p. 146). Sobre a sua reação, ela afirma:

Decidi não falar mais somali. Queria integrar-me a todo custo, uniformizar-me com a massa. E a minha massa, naquela época, era toda branca como a neve. Não falar minha língua-mãe tornou-se a minha forma bizarra de dizer: “Me amem”. Porém, pelo contrário, ninguém me amava. (SCEGO, 2018, p. 146)

O relato da narradora traz os momentos que passava sozinha na escola, durante os intervalos entre as aulas e alguns conflitos com os colegas devido ao preconceito que sofria. Ela também relata o tratamento que sua mãe recebia nas reuniões da escola, descrito como de “animal de circo” devido ao véu islâmico (SCEGO, 2018, p. 150). Kadija, sua mãe, ao presenciar seu isolamento na escola, passou a contar-lhe histórias somalis que refletiam as tradições e as histórias que a apresentaram, por exemplo, ao reino de *Punt*, contemporâneo aos reinos do antigo Egito. “Com suas histórias, minha mãe me livrou do medo que eu tinha de ser uma caricatura viva criada na cabeça de alguém. Com as suas histórias, ela fez de mim uma pessoa” (SCEGO, 2018, p. 149). O medo que tinha de ser ridicularizada se transformou em orgulho com a ajuda de uma professora que a incentivava a falar sobre a Somália, o que a fez integrar-se na escola e aproximar-se dos seus colegas. Ela percebe então que a Itália não é só feita de “italianos” e fala sobre o bairro asiático onde vive atualmente e encontra chineses e bengalis, “uma Roma que encarna a globalização” (SCEGO, 2018, p. 153). Dessa forma, a pergunta “o que é ser italiana?” não tinha apenas uma resposta porque, desde o



imperador Aníbal, de acordo com Igiaba, a Itália passou a ser constituída pela diversidade e a sua própria concepção de nacionalidade e de cultura era multiterritorial.

Ao conhecer melhor a sua própria ancestralidade, o sentimento de não pertencer àquele lugar, foi substituído por uma força interna que a mostrou que o pertencimento não está relacionado ao ser igual a todo mundo para ser aceita, mas na aceitação de si própria, visto que os lugares são feitos de diferenças. Isso significa estar em casa. O mundo atual, devido ao crescimento dos deslocamentos forçados, tem acentuado às diferenças locais, o que redistribui os afetos espacialmente e reconfigura os limites entre o desejável e o intolerável (PELBART, 2016). O estar entre distintas situações de violência e de brutalidade que a humanidade proporciona, mostram que o sentir-se em casa não significa simplesmente estar entre os limites das fronteiras da nacionalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dizer que minha casa é onde estou, representa que o sentido de casa pode ser relativo e também plural. Sua representação de casa, a partir do mapa, mostra que Igiaba só é quem é devido às suas origens e as suas experiências pessoais. A narrativa apresenta confusões sobre a sua própria identidade, que não representa o país onde estão as suas raízes, mas também não representa o país onde nasceu e cresceu. E, ao mesmo tempo, representa os dois. Ela reivindica o que querem retirar das pessoas que migram em situação de refúgio, o sentimento de que podem estar em casa, e que a casa pode estar em qualquer lugar.

Como a paráfrase de Lacan, feita por Maria Rita Kehl (2001), Igiaba é uma personagem do romance que é a sua própria vida. Vida que foi organizada como um mapa que uniu as duas cidades que fazem parte da sua experiência: Roma, na Itália, e Mogadíscio, na Somália. Um mapa que não aparece como figura, mas como uma imagem que vem às nossas mentes, a partir da sua narrativa, e que faz com que o leitor seja apresentado às dinâmicas das duas cidades, na visão de uma pessoa que vem de uma família deslocada da sua terra ancestral. O seu romance, assim como a sua vida, não apresentam uma forma linear e organizada. É caótico como a guerra e, ao mesmo tempo, constituído a partir de fragmentos. Igiaba não apenas transformou a sua vida em um romance, como, a partir dele, transformou a cidade de Mogadíscio, destruída pela guerra, na cidade das suas memórias e Roma, na cidade das suas experiências. Ela



transformou a sua vida em um mapa que vai além dos limites das fronteiras e da proximidade física entre as cidades. Um mapa que não poderia ser explicado por uma Geografia que foca nas relações geométricas, que vê o mundo com base em uma lógica que exclui a geofricidade. Um mapa que é único e que cada indivíduo irá desenhar de uma maneira distinta. Um mapa composto por memórias de lugares.

Falar das suas memórias é também falar dos refugiados, do luto dos esquecidos, das milhões de pessoas que vivem em estado de medo, e que fogem dos perigos que estar nos seus países de origem representa, não apenas na Somália, mas na Síria, na República Democrática do Congo, na Nigéria, na Etiópia, na Venezuela, em El Salvador, enfim, por todo o mundo, e que passam seus dias na esperança de que aquilo seja apenas um momento que logo vai passar, mas caem na desesperança ao perceberem que estão sozinhos, que o mundo não olha para eles, nem quando estão entre os limites territoriais do seu país de origem nem quando estão fora deles. Para serem notados, precisam chegar aos milhares, mas, durante as suas trajetórias, percebem que ser notado não é o mesmo que ser amparado. A esperança da ajuda para que possam ou mesmo ficar e construir um lar ou até voltar, esbarra na xenofobia e nas privações que passam para sobreviver. Os longos conflitos ocorrem por todo o mundo e o mundo parece fechar os olhos diante das atrocidades cometidas. A experiência de Igiaba também mostra que o migrante é o protagonista da sua própria vida e que, por mais limites que sejam impostos ao longo da sua trajetória, não há como impor os limites das cartografias pré-estabelecidas porque o corpo e a experiência de ser migrante extrapolam esses limites.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ALMEIDA, M. G. Uma leitura etnográfica do Brasil sertanejo. In: SERPA, Angelo (Org.). **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 313 a 336.



BENJAMIN, W. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política. 7 ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CRESSWELL, T. **Place**: an introduction. London: Elsevier, 2009.

CRUZ, V. C. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In: CRUZ, V. C.; OLIVEIRA, D. A. **Geografia e giro descolonial**: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

EAGLETON, T. **The English novel**: an introduction. Malden: Blackwell Publishig, 2010.

EVARISTO, C. **Literatura Negra**: uma poética da nossa afro-brasilidade. 1996. 152 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

FAEDRICH, A. Autoficção: um percurso teórico. **Criação & Crítica**, n. 17, p. 30-46, dez. 2016.

FAEDRICH, A. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. **Itinerários**, Araraquara, n. 40, p. 45-60, jan./jun. 2015.

GOETTERT, J. D. Paradoxos do lugar mundo: brasileiros e identidades. In: SPOSITO, Eliseu Savério; BOMTEMPO, Denise Cristina; SOUSA, Adriano Amaro. **Geografia e migração**: movimentos, territórios e territorialidades. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 15-36.

JAMESON, F. **O inconsciente político**: a narrative como ato socialmente simbólico. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.

KEHL, M. R. Minha vida daria um romance. In: BARTUCCI, Giovanna (Org.). **Psicanálise, Literatura e estéticas da subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 57-89.

LECHNER, E. Imigração e saúde mental: o sofrimento dos migrantes e o encontro de ordens simbólicas. **PsiLogos**, Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca, v. 2, nº 2, p. 15-18, 2005.

MARANDOLA JÚNIOR, E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (orgs.). **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 227 a 247.



MARANDOLA JÚNIOR., E.; GALLO, P. M. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010.

MARTINS, J. S. A vida privada no Brasil nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: NOVAIS, F. A. (Coord.); SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARTINS, J. S. **A chegada do estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.

PELBART, P. P. Por uma arte de instaurar modos de existência. In: **O avesso do nihilismo: cartografias do esgotamento**. 2 ed. São Paulo: n – 1, 2016. p. 391-419.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JÚNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L.(Org.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RELPH, E. A pragmatic sense of place. In: VANCLAY, F. *et al* (eds). **Making Sense of Place, National Museum of Australia**. Canberra: National Museum of Australia: 2008. 311-323. Disponível em: <https://www.academia.edu/35463917/A_Pragmatic_Sense_of_Place>. Acessado em: 27 dez. 2017.

SAID, E. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Ebook.

SASSEN, S. **Expulsões: Brutalidade e complexidade na economia global**. Tradução Angélica Freitas. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

SAYAD, A. **La double absence: dès illusions de remigré aux souffrances de rimmigré**. Paris: Seul, 1999.

SCEGO, I. Viajantes. In: CAMPOS MELLO, Patrícia et al. **Fronteiras: territórios da literatura e da geopolítica**. Porto Alegre; São Paulo: Litercultura, 2019. Ebook.

SCEGO, I. **Minha casa é onde estou**. Tradução Francesca Cricelli. São Paulo: Editora Nós, 2018.

SERPA, A. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. In: **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 21, n. 2, p. 586-600, 2017.

TUAN, Y. **Topofilia**. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.